

A RENDA RENASCENÇA E OS ENREDAMENTOS DE SUA ABSORÇÃO NO MERCADO NACIONAL E INTERNACIONAL DA MODA

Fabiana de Miranda Silva
Geovanne Silva dos Santos
Romário Lustosa de Oliveira
Sabrina Belmiro Lucas
Lemuel Dourado Guerra Sobrinho

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB; fabi_cg@msn.com
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB; geovannejornalismo@hotmail.com
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB; romariolustosa@hotmail.com.br
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB; sabbrina_belmiro@hotmail.com

RESUMO: O artigo percorre um caminho reflexivo direcionado ao trabalho de produção e comercialização da Renda Renascença realizada pelas rendeiras da região do Cariri Paraibano. Discute a questão levando-se em conta as dificuldades de comercialização e aceitação do produto tendo em vista vivermos em uma economia globalizada que atende aos anseios e determinações do capitalismo. A metodologia teve como pressupostos para sua realização um trabalho de exploração bibliográfica, tendo como fontes de pesquisa artigos, dissertações, assim como também os recursos da Web, a partir da consulta de sites que tratam do tema, tendo como objetivo, desvendar, recolher, analisar informações e conhecimentos prévios sobre o assunto, tendo em vista a pesquisa encontrar-se em andamento e ainda em fase inicial.

PALAVRAS CHAVE: Renda Renascença, Moda, Mercado, Capitalismo, Desenvolvimento.

Introdução

O Brasil é a quinta maior indústria têxtil do mundo, a quarta de malhas e a segunda de jeans, segundo dados da Abit¹ (Associação Brasileira de Indústria Têxtil e Confecção). Essas posições tornam urgente a inserção da mão de obra brasileira em passarelas e nas feiras internacionais. É o que destaca Pedro Diniz, colunista da Folha de S. Paulo, em uma matéria por ele escrita em outubro de dois mil e quinze, onde protagonistas da moda comemoraram vinte anos de existência do São Paulo Fashion Week², evento de moda que acontece anualmente naquela capital. E o fizeram discutindo a mão de obra artesanal, o valor do artesanato local, com o tema: do princípio ao início. A partir da afirmação feita pelo colunista, podemos nos questionar e refletir acerca da participação do produto têxtil nacional, nesse caso o artesanal, no mercado nacional e internacional, enquanto possibilidade de desenvolvimento regional. E nesse sentido, destacaremos de forma específica um produto artesanal: a Renda Renascença.

¹ Disponível em http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf Acesso: 24/07/2017

² Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1694841-protagonistas-da-moda-discutem-mao-de-obra-artesanal-nos-20-anos-de-spfw.shtml> Acesso: 06/12/2016

A renda Renascença é uma atividade artesanal e uma técnica têxtil que teve sua origem no século XVI, provavelmente na Itália, e foi introduzida no Brasil pelas mãos das mulheres dos colonizadores, passando a fazer parte das tradições rurais do Nordeste brasileiro também por influência de freiras estrangeiras que, nos conventos, ensinavam este tipo de trabalho as alunas (IPHAN, 2009, p.31). No Brasil ela é produzida na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Sergipe e Bahia. Na Paraíba é produzida no Cariri Paraibano, nos municípios de Monteiro³, Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Sumé, Prata, Congo e Zabelê.

A Renda Renascença. Um Mercado em Expansão?

No entanto, o que nos chamou mais atenção recentemente, principalmente a partir da primeira década do século XXI, foi a crescente procura e “valorização” do produto por estilistas brasileiros como Ronaldo Fraga⁴ e Fernanda Yamamoto⁵, por exemplo, aliado a forma como todo o processo acontece, desde o que possibilita o contato inicial entre as artesãs e estilistas, ou seja, as parcerias, até a finalização das peças e sua exposição nas passarelas da moda. A renda, como matéria prima para criação de coleções para os desfiles na semana de moda no Fashion Week, o maior evento de moda do Brasil, inclusive com a presença e participação das próprias artesãs nos desfiles de ambos, ficando evidente que algo diferente vem acontecendo. Fazendo-nos acreditar que estamos assistindo a uma maior absorção do produto pelo mercado capitalista globalizado. O que nos remete a Giovanni Alves quando propõe que,

Capitalismo global tornou-se a nova etapa de desenvolvimento do capitalismo histórico, um longo processo histórico que percorreu pouco mais de trinta anos e nos projetou noutra dimensão espaço-temporal hoje mais clara do que nunca. Ele surgiu com a grande crise dos anos 1970 e nos implicou noutra dinâmica social capitalista cuja natureza crítica se distingue radicalmente de outras épocas históricas. (2015, p.24-25)

De acordo com a citação de Giovanni, vivemos uma dinâmica social do capitalismo que nos distingue de outras épocas, em seus aspectos econômicos, políticos, sociais. E,

³ FECHINE Ingrid Farias. A construção cultural e identitária das rendeiras da Associação dos artesãos de Monteiro (ASSOAM): entre o amor e a sobrevivência pela renda renascença. V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, 2005, p.1-13.

⁴ Disponível <http://www.paraibatotal.com.br/entrevistas/2014/12/02/34501-num-mundo-com-gosto-de-plastico-a-paraiba-tem-muitas-coisas-que-so-existem-aqui-com-uma-poetica-muito-propria> Acesso 06/12/2016

⁵ Disponível em <http://paraiba.pb.gov.br/estilista-fernanda-yamamoto-abre-exposicao-com-rendeiras-paraibanas-durante-congresso-nacional-de-moda/> Acesso 06/12/2016

justamente por isso, vivemos em frequente incerteza e questionamento quanto ao que pode acontecer no futuro, um futuro que na maioria das vezes é bem próximo e pode surpreender de forma positiva ou negativa. Leonardo Mota nos reforça essa ideia ao afirmar que o "capitalismo é um sistema econômico inerentemente contraditório e instável com variações que se processam no tempo e no espaço." (2013, p. 51). Ou seja, fica claro que mesmo que o capitalismo tenha como característica marcante a instabilidade, também é importante considerar que o contexto histórico da época em que se está inserido influencia na conjuntura desse capitalismo. Esse espaço tempo diz muito do tipo de capitalismo que estamos falando, o define enquanto características, o torna singular de acordo com o contexto em que se insere. O que nos faz pensar que estaremos sempre a postos para enfrentar novos desafios já que segundo os dois autores citados acima ele depende muito da forma como a sociedade se organiza em determinado tempo.

Entretanto, ainda nos chama atenção, a aparente falta de conhecimento e valorização "necessária" da renda não apenas por outras regiões do país, pelo outro, o turista, mas também pelo próprio cidadão local, o sujeito da comunidade, da cidade, da região. Assim como também um "baixo" retorno financeiro para as artesãs, no sentido de não se fazer suficiente a ponto de provocar um impacto econômico mais considerável, ou representativo, digamos assim, para que possibilite uma melhor qualidade de vida das rendeiras e da região de origem de sua produção. A estilista Fernanda Yamamoto, na matéria de Pedro Diniz⁶, reforça a situação ao afirmar que a absorção do artesanato está longe de ser uma constante no São Paulo Fashion Week. A situação nos instiga a reflexão com a ajuda de Zygmunt Bauman quando diz ser,

A cooperação entre Estado e mercado no capitalismo é a regra; o conflito entre eles, quando acontece, é a exceção. Em geral, as políticas do Estado capitalista, "ditatorial" ou "democrático", são construídas e conduzidas *no interesse* e não *contra o interesse* dos mercados; seu efeito principal (e intencional, embora não abertamente declarado) é avalizar/permitir/garantir a segurança e a longevidade do *domínio do mercado*. (2010, p.14)

Então, se considerarmos como Bauman que as políticas do Estado capitalista são construídas e conduzidas sempre no interesse dos mercados, tendo em vista a situação político-econômica que vivemos no presente, nós teremos que considerar que toda ação que exista no sentido de políticas públicas, que possam diminuir as desigualdades sociais são no

⁶ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1694841-protagonistas-da-moda-discutem-mao-de-obra-artesanal-nos-20-anos-de-spfw.shtml> Acesso: 06/12/2016

mínimo necessárias, já que falamos aqui das rendeiras do Cariri que se organizam de forma simples e com poucos recursos. Pois estaremos sempre enfrentando mercados agressivos, dominadores, difíceis de competir por serem fortalecidos por um aparato econômico que lhes garante estabilidade crescente, em detrimento de outros. E, como ele mesmo afirma, “quando os elefantes brigam quem paga o pato é grama”. (BAUMAN, 2010, P.13). Ou seja, somos a grama que anda sempre pagando o pato. E ainda, como complemento, segundo Pierre Bourdieu, “se a globalização é antes de tudo um mito justificador, há um caso em que ela é bem real; é o dos mercados financeiros.” (1998, p.33). Dessa forma,

O Estado é uma realidade ambígua. Não se pode dizer apenas que é um instrumento a serviço dos dominantes. Sem dúvida, o Estado não é completamente neutro, completamente independente dos dominantes, mas tem uma autonomia tanto maior quanto mais antigo ele for, quanto mais forte, quanto mais conquistas sociais importantes tiver registrado em suas estruturas etc. Ele é o lugar dos conflitos. (BOURDIEU, 1998, p.30)

Entretanto, talvez estejamos sendo pessimistas. Vamos considerar que o Estado é o lugar do conflito, das conquistas, como diz na citação acima, mas acima de tudo, também das lutas de uma sociedade em mudança que tem o poder de transformação.

Uma mão de obra única e o fomento de parcerias

E, pensando justamente nesse potencial de transformação, segundo Rafael Cervone⁷, presidente da Abit, a riqueza e a abundância de matérias primas, principalmente as naturais, e os conhecimentos das mais diversas técnicas de bordados, tricôs e outras que compõe o universo do artesanato, tornam a mão de obra brasileira única. Cervone deixa claro a partir de sua fala que o fato de sermos donos da matéria prima, nesse caso a têxtil, e conhecermos as técnicas da renda renascença, já nos torna singular e únicos perante outros espaços, sejam eles regional, nacional, internacional; podemos fazer a diferença. Nesse sentido, Richard Sennett em sua obra: A Cultura do Novo Capitalismo chama a atenção para um ponto interessante para essa discussão, quando diz falar dos talentos individuais; é como ele se refere ao termo Perícia. E o define como sendo uma palavra aplicada quase sempre a trabalhadores manuais, denotando a busca da qualidade na fabricação ou realização de algo. Onde se faz algo benfeito simplesmente por fazer. (2006, p.98). E conclui,

⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1694841-protagonistas-da-moda-discutem-mao-de-obra-artesanal-nos-20-anos-de-spfw.shtml> Acesso: 06/12/2016

Em suma, o fantasma material da inutilidade revela um pesado drama cultural. Como tornar-se importante e útil aos olhos dos outros? A maneira clássica é a perícia, desenvolvendo algum talento especial, alguma capacidade específica. A ética da perícia vem a ser desafiada, na cultura moderna, pela fórmula alternativa do valor. (SENNETT, 2006, p.119)

Então, a partir do que expõe o autor, considerando as rendeiras como possuidoras de um talento especial, essas mulheres tem chance sim de sentirem-se sempre útil e importante perante o outro. Para Sennett, o maior desafio consiste principalmente, na conquista por “valoração” do produto frente a um mercado que precisa atender a uma demanda de uma clientela que apresenta um conceito, digamos que volátil do que seja valor. O que ele define como cultura moderna. E esse desafio, pode ser encarado como sendo a conquista por uma maior visibilidade, valorização, divulgação e potencialização da arte da renda renascença em mercados diversos.

Sendo assim, precisamos ressaltar que atualmente as rendeiras já contam com várias associações e cooperativas. Dentre elas destacamos: a ASSOAM (Associação dos Artesãos de Monteiro), a APAZ (Associação dos Produtores de Arte de Zabelê), a ADART (Associação de Desenvolvimento dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro), a ASSOART (Associação dos Artesãos de São João do Tigre), a ASCAMP (Associação Comunitária das mulheres Produtoras de Camalaú), o Clube de mães de Camalaú e a ARRRCP⁸ (Renda Renascença do Cariri Paraibano). Associações estas que buscam principalmente fomentar a parceria e interação entre as artesãs, além da divulgação da renda. Então nos perguntamos qual a saída para esse impasse? Para Paulo Borges, empresário fundador do SPFW no Brasil, a incorporação do feito a mão pela indústria enfrenta grandes desafios. Entre eles está a profissionalização de artesãos.

E nesse sentido também destacamos a existência de políticas públicas com iniciativas de apoio e valorização da produção da renda renascença promovida pela universidade através de projetos com o intuito de promover capacitação e empoderamento, a alto estima das rendeiras. É o caso do projeto de extensão Redes, Vozes e Rendas⁹ que tem a coordenação da professora Ingrid Fachine, com o objetivo de divulgar as produções artísticas das rendeiras da Paraíba, envolvendo os cursos de Comunicação da UEPB com os sistemas dos grupos artesanais. Um projeto que envolve a academia e a comunidade, e está apoiado nos grupo de

⁸ Disponível em <http://rendeirasdemonteiro.weebly.com/arrrcp.html> Acesso: 25/07/2017

⁹ Disponível em https://issuu.com/imprensauepb/docs/redes__vozes_e_rendas/3?e=26035876/39202284 Acesso: 25/07/2017

pesquisa “Comunicação, Memória e Cultura Popular”¹⁰. Onde esse ano contou com a realização do segundo encontro do Redes, Vozes e Rendas, no dia 15 de julho de 2017. Onde foram entregues as rendeiras certificados de conclusão de cursos por elas finalizados por incentivo do projeto em parceria do grupo de pesquisa “Comunicação, Memória e Cultura Popular em Monteiro”.

Outra dica de como sair desse impasse quem nos dá é Pierre Bourdieu, em sua obra *Contrafogos 2*. O autor afirma que os intelectuais e, mais precisamente, os pesquisadores podem e devem intervir no mundo político. (2001, p.36) Já que são indispensáveis as lutas sociais, podendo cumprir uma função positiva ao contribuir para um trabalho coletivo de criação política. Para ele, é aí que o intelectual coletivo pode desempenhar seu papel, insubstituível, contribuindo para criar as condições sociais de uma produção coletiva de utopias realistas. E segue,

Pode organizar ou orquestrar a pesquisa coletiva de novas formas de ação política, de novas maneiras de mobilizar e fazer trabalhar conjuntamente as pessoas mobilizadas, de novas maneiras de elaborar projetos e realizá-los em comum. Pode desempenhar um papel de parteiro dando assistência à dinâmica dos grupos de trabalho em seu esforço para exprimir, e ao mesmo tempo descobrir, o que são e o que poderiam ou deveriam ser e contribuindo na coleta e acumulação do imenso conhecimento social sobre o mundo social de que o mundo social está carregado. (BOURDIEU, 2001, p.40)

A partir do exposto por Bourdieu na citação, e da experiência do projeto *Redes, Vozes e Rendas*, e o grupo de pesquisa *Comunicação Memória e Cultura Popular*, podemos perceber que os objetivos, ações tanto do projeto como do grupo de estudos que caminham em parceria, exemplificam muito do que Bourdieu defende, principalmente quando se refere à contribuição na coleta e acumulação do imenso conhecimento social sobre o mundo social, que nesse caso é o mundo social que as rendeiras compõem. Além, é claro de organizar a pesquisa coletiva de novas formas de ação política e de trabalhar conjuntamente de forma mobilizada. Destacamos então, ações que se mostram na direção do que a academia entende como a coisa mais acertada a ser feita, no caso de Bourdieu, e ações que pessoas envolvidas no mundo dos negócios e do mercado, como Paulo Borges, também entende que seja importante a ser feito. No caso a profissionalização, capacitação. Então, sejamos positivos.

¹⁰ Disponível em <http://rendeirasdemonteiro.weebly.com/> Acesso: 25/07/2017

Tendo em vista, o contexto histórico e a situação política e econômica do Brasil, de forma específica, e do mundo a partir de sua política neoliberal contemporânea, não podemos nos privar de conhecer as relevantes considerações de Richard Sennett ao afirmar que “as instituições, as capacitações e os padrões de consumo mudaram. O meu ponto de vista é que essas mudanças não libertaram as pessoas.” O autor questiona o significado de capacitação, do talento, e ainda o fato de como uma pessoa ser talentosa traduzir-se em valor econômico? [...] “a economia das capacitações continua deixando a maioria para trás” [...] e “nessa investida, passou-se a definir “capacitação” como a capacidade de fazer algo novo, em vez de depender do que já se havia aprendido” (2006, p.93).

E ainda; se considerarmos,

Combinadas, essas condições conferem ao fantasma da inutilidade, hoje em dia, uma sólida substância nas vidas de muitos, indivíduos. O puro e simples mantra da "capacitação" não pode por si só equacioná-las. Antes de procurar entender que tipo específico de capacitação poderia fazê-lo, devo estender este apanhado econômico à esfera pública. (SENNETT, 2006, p.94)

Sennett faz ricas contribuições. Primeiro ao fato de que a capacitação tenha se transformado com o tempo, segundo ele, em algo que parte de uma valorização de experiências novas, dispensando o conhecimento já adquirido de experiências de anos de trabalho. No caso das rendeiras isso é bem significativo, já que o trabalho das mesmas está completamente relacionado à história de vida de seus ancestrais, é um conhecimento que passa de uma geração para outra. O novo pode vir, a partir de novas ideias, no entanto, com uma base de aprendizado que se faz necessário buscar no início, não há como descartar a base desse aprendizado quando comparado a esse novo sentido de capacitação que o modelo econômico vigente cobra, segundo o autor, pautado em outros “valores”.

Então como enfrentar o perigo do ser inútil, ou seja, o fantasma da inutilidade como conceitua Sennett, quando se refere ao mal contemporâneo da humanidade, sentir-se inútil perante o mercado, à sociedade e até para si mesmo. Principalmente, quando “a globalização não é uma homogeneização, mas, ao contrário, é a extensão do domínio de um pequeno número de nações dominantes sobre o conjunto das praças financeiras nacionais.” (BOURDIEU, 1998, p.33).

Os Paradoxos da globalização e as oportunidades

E nessa perspectiva é importante ressaltar que o trabalho com a renda demanda delicadeza e muito tempo para sua realização. Características que parecem está na contramão

do ritmo de vida hoje, onde viver parece ser sinônimo de está o tempo todo em movimento intenso, se possível, fazer várias coisas ao mesmo tempo. Repetindo a máxima do capitalismo: tempo é dinheiro. Mas, é preciso pensar de que tempo estamos falando. Há uma medida certa para transformar o tempo em dinheiro? Qual medida desse tempo é o passaporte para o sucesso? Precisamos considerar a existência de um paradoxo nesse mundo globalizado e do capital atroz. É que a globalização, ao mesmo tempo em que possibilita o acesso rápido de informação sobre e para obtenção de produtos específicos de lugares distantes, de uma geografia singular e longínqua, de culturas distantes e distintas, entre outras coisas. Também provocaria o colapso da igualdade e a busca pelo diferente, pelo novo que cada vez mais pode agregar junto ao valor simbólico, também o econômico.

Para o empresário Paulo Borges¹¹, fundador do São Paulo Fashion Week, “As fronteiras da informação se estreitam tanto que a indústria ainda não conseguiu produzir e entregar o que as pessoas desejam, na velocidade que desejam. Esse é o ajuste que buscamos para o futuro da moda”. As palavras do empresário são bem significativas nesse contexto, principalmente para ressaltarmos que o produto artesanal é tratado na maioria das vezes pelo mercado nacional e internacional da moda, como um produto de luxo. E nos utilizamos desse termo para exemplificar algo que apresenta um alto valor econômico. Podemos nos perguntar, mas que produto é esse que as pessoas desejam que esteja em determinada velocidade, segundo fala do empresário? Então nos voltamos para a Renda Renascença e lembramos-nos do tempo gasto pelas rendeiras para fazê-la. E é justamente nesse sentido da fala Paulo Borges, de que existe um interesse no produto que não tem como prioridade a pressa e sim o fazer bem feito, também bem colocado por Richard Sennett, ganhando além de um valor financeiro um valor simbólico.

Sendo assim, mais uma razão para valorizarmos ainda mais essa tão singular arte de fazer¹². Para Rafael Cervone¹³, presidente da Abit, ao falar do artesanato como mão de obra única do Brasil, ele afirma, “mostramos ao mundo que estamos no sentido oposto ao das commodities, isso nenhum chinês consegue fazer.” E continua, “uma macrotendência global da moda é o aspecto artesanal, seja ele obtido manualmente ou por máquinas”. Mesmo que

¹¹ Disponível <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1694841-protagonistas-da-moda-discutem-mao-de-obra-artesanal-nos-20-anos-de-spfw.shtml> Acesso: 06/12/2016

¹² Disponível <http://paraiba.pb.gov.br/trabalho-das-rendeiras-do-cariri-atrai-celebridades-e-passarelas-do-mundo/> Acesso 06/12/2016

¹³ Disponível <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1694841-protagonistas-da-moda-discutem-mao-de-obra-artesanal-nos-20-anos-de-spfw.shtml> Acesso 06/12/2016

estejamos cientes de que “pelo fato de os dominantes desse jogo serem dominados pelas regras do jogo que dominam, as do lucro, esse campo funciona como uma espécie de máquina infernal sem sujeito que impõe sua lei aos Estados e às empresas,” (BOURDIEU, 2001, p.49).

Também é importante e inegável lembrar que temos muitos fatores a favor do nosso país, do nosso povo, por que somos ricos culturalmente, a Renda é um produto singular, por isso apresenta um valor simbólico agregado, além do econômico que nesse caso acaba sendo consequência, portanto teríamos subsidio bastante para impulsionar um crescimento econômico local, um desenvolvimento regional.

De acordo com a fala de Cervone nos remetemos a Celso Furtado e Liana Carleal quando destaca a importância de entender que um projeto de desenvolvimento regional deve pressupor um projeto de desenvolvimento nacional. Ou seja, é importante a existência de novos olhares e questionamentos acerca da situação presente e futura desses lugares de praticas locais e representações globais. E nesta perspectiva, entendemos, assim como Carlos Brandão, que o desenvolvimento regional significa uma missão articulada para regular o desenvolvimento em favor de maior equidade regional e social. Infelizmente não podemos desconsiderar o contexto político e econômico contemporâneo, sendo assim, se faz imprescindível pensar que,

Existe atualmente um significativo déficit de confiança, tanto nas instituições financeiras, quanto em relação aos partidos políticos e ao Estado, isto sem considerar a despolitização em massa, manobrada, sobretudo, pelos anseios da sociedade de consumo. Todavia, nunca é tarde para lembrar que as crises sempre cumprem uma dupla função de, ao mesmo tempo em que disseminam o sofrimento, também abrem portas para iniciativas originais que produzem novos modos de vida e de organização social. (MOTA, 2013 p.456)

Considerações Finais

Falar, escrever e acreditar na viabilidade de projetos que almejam e tenham como ações e objetivos de alcance um processo de desenvolvimento regional não é tarefa simples na situação atual no mundo nem no Brasil de forma particular. Vivemos e assistimos a uma crise que é política, é social, é cultural, é econômica. Uma crise de valores que se estende a tantos que até parece a todos. Que nos faz sentir vitimados quando somos partícipes, e também culpados. Somos partícipes ausentes e desnorteados.

Mas haverá uma saída, entre essa visão bipolarizada que enxerga o país e tudo em volta apenas a partir de dois lados, de um lado o branco, e do outro o preto. Há de aparecer outras cores, outras perspectivas, e a crise abrirá portas a novos modos de vida, iniciativas

originais como diz a citação acima. E essas iniciativas tendem a surgir justamente de iniciativas que priorizam as parcerias, o aprendizado coletivo, a luta por conquistas mesmo tendo clareza que estas virão a partir de um período de tempo que pode variar de médio ou longo prazo. É nessa perspectiva que acreditamos que vale a pena acreditar, talvez esse seja o momento propício para a utopia.

Referências

- ALVES, Giovanni. A Natureza do Capitalismo Global: As contradições do capital no século XXI. In: MOTA, Leonardo de Araújo e (org.). **Capitalismo contemporâneo: olhares multidisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- BRANDÃO, Carlos; e SIQUEIRA, Hipólita (Orgs.). **Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CARLEIAL, Liana. **O desenvolvimento regional brasileiro ainda em questão**. Revista Política e Planejamento Regional (PPR), Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-21, jan./jun. 2014.
- FURTADO, Celso. Elementos de uma teoria do subdesenvolvimento. In: **Essencial Celso Furtado**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 113-140.
- MOTA, Leonardo de Araújo e. Capitalismo contemporâneo, desigualdades sociais e a crise de 2008. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau,1(1):51-64, out.de 2013.
- MOTA, Leonardo de Araújo e; OLIVEIRA, Érika Vieira. SILVA, Flávio José Souza. Teorizando a crise financeira: Alain Tourane, Boaventura de Sousa Santos e David Harvey. **Polêmica**, v.12, n. 3, p. 448-459, jul./ago./set., 2013.
- MOTA, Leonardo de Araújo e (org.). **Capitalismo Contemporâneo: olhares multidisciplinares**. Campina Grande: Eduepb, 2014.
- SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.